

O CASAMENTO — UM RITO DE PASSAGEM SEUS VESTÍGIOS NA REGIÃO TRASMONTANA (BRAGANÇA) (*)

POR

Belarmino Afonso (**)

1. Introdução

Cuco da ribeira, quantos anos me dás de solteira? — Eis uma pergunta que alguém lançou ao vento, com o intuito de encontrar resposta. Com poucas variantes (ribeira, carrasqueira, cerdeira), usa-se, creio, em todas as terras onde pastora ou boieira ouvia o cantar do cuco, seguido de uma cascarada de mangação.

Embora a forma feminina — *solteira* — indique que é a jovem a perguntar, também os rapazes se questionam acerca do seu futuro. É nos campos, a guardar vitelos ou noutra tarefa qualquer, que a pergunta surge, de mistura com uma risada cristalina, atirada ao ar, depois de contar as *cucadas*.

Porquê o cuco, como interveniente num aspecto tão importante da vida? Tal como o corvo, o mocho e a coruja, aves pouco simpáticas e agoirentas, tem o condão de influir no destino humano ⁽¹⁾. Paralelo ao interrogar do cuco é o hábito de atirar pedrinhas para o nicho do frontão da capela ou da igreja. O número de anos que falta para casar é igual ao número de pedras que lá conseguiu encaixar.

(*) Para a elaboração deste texto tornou-se indispensável a consulta dos trabalhos de campo dos meus alunos da Escola do Magistério Primário de Bragança (1983-84). Para eles, quase todos já professores, os meus agradecimentos.

(**) Director da Biblioteca Pública e Arquivo Distrital de Bragança.

(1) *O cuco é uma ave fálca e casamenteira*, diz Leite de Vasconcelos, in *Tradições Populares de Portugal*, p. 181.

O povo não é muito dado a abstracções, no entanto não é capaz de se desligar do aleatório, e chama frequentemente as forças ocultas a orientar e desvendar o seu destino.

Quem como nós nasceu na aldeia, é involuntariamente actor da acção que nela se desenrola no dia a dia. De criança, tomámos parte nos ritos de passagem. Vamos fixar-nos no **rito de casamento**, talvez o mais rico deles todos. A vida agrícola, necessariamente comunitária, favorecia o contacto de sexos diferentes. Também os serões e outros convívios faziam despertar sentimentos que os pais favoreciam ou contrariavam.

Surgia o namoro, mais curto ou mais longo. Os namorados encontravam-se na fonte, no fim do dia, ou então à porta da noiva, discretamente vigiados pelos seus familiares. A pastorícia e o lameiro forneciam também ocasião propícia ao encontro de ambos, assim como a missa dominical.

*Meu amor, se fores à missa,
Ajoelha-te onde eu te veja,
Para não me fazeres andar
Aos saltinhos pela igreja.*

Casamentos contrariados ou orientados não eram excepção. Inimizades familiares ou situações económicas diferentes eram entraves frequentes a dois corações que se queriam bem. Para aplanar dificuldades apareciam então as *alcoviteiras*, também conhecidas por *chegadeiras*. Uma panela de batatas, um avental ou qualquer outra peça de vestuário, recompensavam os préstimos de qualquer santinha, capaz de ser correio fácil, sem grandes alardes. Quando este correio não funcionava, uma pedra escolhida de comum acordo, servia de caixa do correio para as mensagens que um e outro lá deixavam.

O casamento é por natureza social. Mobiliza a comunidade. Anima-a. *A minha boda foi c'um três gaiteiros... um era de Moldões (Espanha), outro de Rio Mazanas (era o tio gaiteirico), e o Tio Maça, de cá (Petisqueira)*. Esta informação realça o tom festivo, mesmo em lugares pobres.

Por norma e tradição, casava-se dentro da aldeia. Servia para reforçar os laços sociais de familiares de comunidades fortemente endogâmicas. Mesmo que haja animosidades locais, elas ultrapassam-se, e um casamento surge, algumas vezes, como meio de aproximação e harmonia.

Era vista com maus olhos a quebra desse elo que fechava a comunidade numa permuta enriquecida de funções. Quando um jovem estranho à aldeia vinha namorar uma rapariga, tinha de sujeitar-se aos costumes que ninguém

podia infringir. *Quem fora da terra vai casar, ou vai enganado ou quer enganar*, é um provérbio que surgiu num contexto social propício, e que corrobora as minhas afirmações. Tinha-se como ofensa à rapaziada deixar-se ir uma rapariga para um rapaz de fora. Mas, como não há lei que não admita excepções, também a endogamia dava lugar à exogamia. Desde que se *pagassem os direitos* ou a *robra* ⁽²⁾, o rapaz podia ir ver a noiva as vezes que quisesse.

O *paga-vinho*, ainda agora em uso em muitas aldeias, era norma em todas elas, há meia centena de anos. Quando os jovens suspeitavam que uma rapariga da aldeia andava a ser cortejada, arranjavam maneira de apanhar o rival, que mais tarde ou mais cedo era levado a juízo sumário e lhe punham a alternativa: ou pagava o vinho para toda a mocidade, ou recusava, e sujeitava-se a uma punição tradicional.

Nalgumas aldeias, como em Urrós (Mogadouro), era o sino da comunidade que tocava a rebate para avisar a juventude que pássaro estranho entrara na gaiola. O infractor pagava um cântaro de vinho, ou só uma remeia, comprado na taberna da aldeia, mais os cigarros. Ouvimos dizer que na aldeia de Argozelo (Vimioso), por vezes lhe impunham a multa de pagar uma rima de pães cozidos, da altura do infractor.

Hoje que o poder de compra é fácil, parece-nos uma brincadeira, mas em tempos recuados, dar de beber a goelas ressequidas e satisfazer estômagos vazios, pesava excessivamente no orçamento parco de qualquer jovem. Tudo redundava em festa.

Em Babe (Bragança), disseram-nos, era o virar furioso do sino grande que alertava a mocidade para o galo estranho que se introduzira na capoeira. A voz autorizada do sino era corroborada pelo sopro lúgubre e penetrante do corno da vezeira, que em jeito de alarme se ouvia à distância. Imediatamente surgia o cerco da casa onde estava o intruso.

Ao tio Pepe de Rio de Onor, cubraram-le uma carga de binho..., disse-nos uma informante da Petisqueira, onde o dito Pepe veio namorar. A carga de vinho equivalia a oito cântaros, esclareceu.

Quando um maduro resolvia opor resistência, sucediam-se correrias por quintais, se tinha tempo para tal. Quando apanhado, se se mantinha na recusa, recebia o castigo frequente: mergulhar a cabeça, ou mesmo dar um banho, no tanque, quando não, em qualquer poça imunda da aldeia. Em Argozelo, mergulhavam-no no pelame, charco fétido onde curtiavam as peles. Lembre-se que era uma aldeia tradicionalmente dada a este tipo de comércio, que enraíza na colónia ou comuna judaica que ali se estabeleceu.

(2) Abade de Baçal, *Memórias*, vol. IX, p. 317.

Noutra aldeia punham-lhe um alforge de areia e obrigavam-no a passar a ribeira. Em Carrazedo (Bragança), além do banho, levava umas socadas e punham-lhe uma albarda. E quando não gostavam do rapaz, não lhe bebiam o vinho e deitavam-lho aos pés. Sanções verdadeiramente vexatórias. Numa ou noutra aldeia, o hábito de pagar o vinho modernizou-se. O juiz da mocidade escreve uma carta e entrega-a ao multado. Assim é em Lagoaça (Freixo de Espada-à-Cinta).

Ao *paga-vinho* dá-se o nome, no Pinheiro Velho (Vinhais), de *pagar o piso*. É uma expressão espanhola, comum a aldeias raianas.

Após o *paga-vinho*, o rapaz tinha permissão de namorar à porta da noiva. Mas, não fosse esquecer-se e prolongar demais o noivado. Nalgumas aldeias, se o namoro passasse além de dois meses, tinha de pagar novamente o vinho. O mesmo acontecia se os namorados se zangassem, mesmo que fosse ao fim de quinze dias de namoro.

O *paga-vinho*, embora fosse norma quando o rapaz era de fora, se da mesma terra, também o pagava, às vezes no dia a seguir ao casamento. Na aldeia de Picões (Alfândega da Fé), a mocidade, com violas, guitarras e castanholas, chegava junto da casa da noiva onde estava o noivo, e cantava:

<i>Saia cá, senhor,</i>	<i>Saia cá, ó meu senhor,</i>
<i>Saia cá, se faz favor.</i>	<i>Não esteja a demorar.</i>
<i>Está aqui a mocidade,</i>	<i>Logo que chegue à taberna,</i>
<i>Quer falar com o senhor.</i>	<i>O vinho tem que pagar.</i>

Se o rapaz aceitasse o convite, iam à taberna, e a primeira caneca de vinho era mandada a casa da noiva. Se recusasse, mergulhavam-no na poça.

O *paga-vinho* não constituía apenas uma multa e conseqüente aquisição de um direito. Revelava também a maioridade moral do jovem, que era capaz de aguentar uma despesa, paga com o seu dinheiro. Norma de convivência, respondia a diversas necessidades da comunidade. Momento de alegria e comentários, despertava a veia poética ou satírica dos presentes.

A esta regra tradicional fugiam os casamentos dos velhos ou viúvos. Não se via com bons olhos que a mulher casasse de novo. A tradição impunha-lhe que continuasse a vestir de negro, ou então, que o aliviasse muito pouco. Viúvo ou viúva que se casassem contra o sentir da comunidade, estavam sujeitos à *chocalhada*. O mesmo acontecia, quando o casadoiro fosse já entrado na idade. Noiva velha ou viúva, casava quase sempre em segredo, de manhã cedo, sem grandes pompas, ou mesmo de noite. Quando assim acontecia, não faltavam as sátiras e o barulho das ditas *chocalhadas*.

2. O pedido de casamento

Pedir a mão é uma expressão simbólica. Significa que tudo ia bem, e que o casamento não tardaria. No dia aprazado, o rapaz (noivo) e uma pessoa grada da terra dirigiam-se a casa da noiva, à noite. Noutras aldeias ia o rapaz, a mãe e o pai do noivo.

Naturalidade artificial, uma tossidela, um mexer de pés, para dar sinal de que alguém vai entrar, ou então umas pancadas na porta. Lá dentro respondia o tradicional: *entre, quem é?* A noiva retirava-se envergonhada e, bem perto da lareira, onde todos se encontravam, ouvia a conversa. Fazendo-se de novas, o futuro sogro perguntava ao que vinham. A resposta surgia enroupada naquelas palavras graves, tradicionais, em tom solene, ditas pelo acompanhante do noivo.

A simplicidade aldeã anda de mãos dadas com uma ironia fina que satiriza os mais simples pormenores. Os trabalhos comunitários da ceifa, azeitona, eiras, vindima, constituíam ambiente propício para uma sobremesa divertida de crítica social. Em Coelhoso (Bragança) corre um pedido de casamento, algo poético, na forma:

*Ao que venho, venho.
Ao que venho, digo:
Pedir sua filha
P'ra casar comigo.*

O pai da noiva respondia:

— *Se te serve, leva-la. Se não te serve, deixa-la.*

Em Babe (Bragança), existe também uma fórmula mais ou menos vulgarizada:

Noivo:

— *Eu vinha a pedir a vossa filha em casamento, se for da vossa vontade.*

Pai da noiva:

— *E então vós já tendes isso combinado?*

Noivo:

— *Naturalmente...*

Pai da noiva:

— *Mas ela inda é nova...*

Noivo:

— *Assim é que as manda gastar o médico.*

Em Seixo de Manhoses (Vila Flor) o pedido de casamento era feito durante a ceia, que metia as seguintes iguarias: batatas assadas, com pimento, alho e azeitonas. Como bebida, a água-pé, servida pela noiva.

Em certas aldeias, só a partir do pedido de casamento é que se podia namorar à porta. O disfarce para namorar desaparecia, e o par aproveitava todos os momentos, na fonte e no baile, para namorar. Em Lagoaça a noiva só ia a casa do noivo um dia antes do casamento.

A *casona* assumia maior responsabilidade moral e material. Embora o enxoval não enchesse muitas arcas, sempre era preciso preparar uns lençóis e umas mantas que a mãe ajudava a arranjar. Bordaduras a ponto cruz ou toalhas de linho pintadas com tinta da China, era luxo pouco vulgar em *casões* de bota grossa, cardada, xale, lenço e sapatos com salto de prateleira.

Escolhiam-se algumas galinhas ou patos, com o intuito de melhorar a refeição do dia do casamento. Após o pedido, o casamento demorava no máximo três meses, mas o normal seria um mês. Surgia o convite para o casamento. Neste aspecto há muita diversidade. Em Varge (Bragança) o convite era feito três dias antes da boda, a fio. Na aldeia de Coelhooso (Bragança), os noivos iam na véspera fazer os convites a toda a gente, e ofereciam amêndoas. Em Lagoaça faziam-se os convites uma semana ou duas antes do casamento. O noivo e a noiva, independentemente, fazia cada um os seus convites. Para isso começava cada um em sua extremidade da aldeia.

Embora o convite se fizesse sem intuito de que algo viesse, não é de descurar esse aspecto. Em famílias pobres, um tacho que fosse, dava jeito. Em terras de Vinhais, por exemplo, em Pinheiro Velho, os convidados ofereciam roçadas de linho. Uma arca de pinho, em famílias pobres, guardava o enxoval: lençóis, mantas, duas toalhas. No *almário* arrumavam-se: azeiteira de lata, duas malgas, dois garfos de ferro, uma caneca de barro, duas panelas de ferro. O colchão, cheio de palha centeia, era de estopa, e assentava sobre uns bancos de madeira, ou simples camas de ferro. De pais pobres fraca prenda havia a esperar. Mesmo assim, repartia-se o pouco que havia.

Na aldeia de Argana (Lamalonga, Macedo de Cavaleiros), as mães não queriam que as filhas bailassem, e davam como desculpa que rompiam as sandálias! No entanto, quando vinha o casamento, para começo de vida, davam: três ou quatro pratos, duas ou três tigelas, uma cama de roupa (dois cobertores, um ou dois lençóis de linho). Era este o enxoval que a noiva levava.

Além destas prendas, havia as ofertas mútuas dos noivos. Em Vale d'Asnes (Mirandela), o noivo oferecia à noiva o véu. A noiva oferecia-lhe a camisa. Em Lagoaça, a noiva, na véspera do casamento, ia a casa do noivo

e levava-lhe umas meias, umas ceroulas de nastro, e uma camisa branca, peças que seriam utilizadas no dia do casamento.

3. O dia do casamento

Cada um dos *casões prepara-se* (veste-se) em sua casa. Enquanto os noivos se vestiam, era hábito dar a *parva* ou o *mordico*. Era uma leve refeição que constava de pão com queijo, doces, tremoços.

O ajudar a vestir a noiva, mais que um acto banal, constituía quase um rito. Essa honra pertencia à madrinha do casamento. A noiva devia levar uma peça de roupa azul, já usada por ela, assim como algum dinheiro, escondido, porque *dinheiro traz dinheiro*, e dá sorte. Ritos de passagem, sejam quais forem, exigem sempre o recurso ao sobrenatural, para que as forças ocultas não perturbem, se malélicas, o decurso dos acontecimentos. O dinheiro a que me referi era colocado dentro de uma bolsinha, no seio, ou num pé, dentro da meia ⁽³⁾. Em substituição do dinheiro, a madrinha colocava, algumas vezes, um *saquinho de sal*.

Em Gondesende a madrinha, enquanto ajudava a noiva a vestir-se, colocava-lhe um fio de lã de ovelha à cinta ⁽⁴⁾, e dizia a seguinte oração:

*Santa Libana, vou a casar.
Estou solteira, não quero quedar.
Em honra de Deus e da Virgem Maria,
Um Pai-Nosso e uma Ave-Maria* ⁽⁵⁾.

Terminada a prece, rezavam então, madrinha e noiva, o Pai-Nosso e a Ave-Maria. Em Vilar dos Peregrinos (Vinhais), a madrinha do casamento apertava um fio de anho por cima do saiote, para dar felicidade. Em Parada (Bragança), a madrinha aconselhava a noiva a meter no fundo da arca do enxoval um *canjato* (bolo doce em forma de C) para que não terminasse o pão da boda.

Em tempos de penúria, o labor de cada dia mal dava para comer, quanto mais para vestir bem, mesmo que fosse no dia da boda. Lavadinhos sim, mas simples. A noiva vestia saia e blusa, com xale e lenço, a con-

⁽³⁾ Havia este uso em Felgueiras (Moncorvo).

⁽⁴⁾ O barço representava uma alusão à *zona virginali* de Juno, protectora dos casamentos. Vide, Abade de Baçal, *Memórias*, vol. IX, p. 320.

⁽⁵⁾ Abade de Baçal, *op. cit.*, p. 320.

dizer ⁽⁶⁾. O noivo não ia além das botas novas de cabedal, casaco e colete, e chapéu. A modéstia no vestir, principalmente na noiva, era observada com rigor. Em Coelhooso (Bragança), uma jovem noiva lá pensou que pareceria mais bonito e original, se fosse para a igreja sem lenço na cabeça. Quem não gostou foi o noivo que, ao ver que a moça era motivo de reparo para todos, lhe segreda ao ouvido: — *Ó rapariga, vai já pôr-me um lenço nessa cabeça, pois p'ra mim, ver uma mulher sem lenço é como ver uma burra sem cabeçada.*

Todas as sociedades, desde as mais evoluídas às mais arcaicas, criaram tabus, que condicionam o comportamento da mesma sociedade. Era norma que fosse o noivo o primeiro a chegar à igreja. A noiva não se devia deixar ver pelo noivo a partir da meia noite anterior ao dia do casamento, até ao momento de casar ⁽⁷⁾. Cada um chegava à igreja acompanhado dos seus convidados, mas também aparecem casos em que o cortejo nupcial partia de casa da noiva. Os padrinhos eram os da *pia*, isto é, os do baptizado, a não ser que motivo de força maior impedisse tal uso.

Não fizemos referência à *leitura dos banhos*, recomendados e exigidos canonicamente durante três domingos, ou dias de afluência de povo, antes do casamento, por ser norma em todas as regiões. Era regra, nesses dias, os noivos não irem à missa, por vergonha. Em Alfaião (Bragança), quando o padre terminava a leitura dos banhos, o povo respondia: — *Que Deus t'ajude.*

Por não oferecer grandes variantes, omitimos a cerimónia religiosa dentro da igreja. Vamos acompanhar os noivos já no adro, após o casamento. Mesmo os mais ronceiros, a quem a cerimónia religiosa não interessou, agora despertam. Esticam o pescoço e prestam atenção a um certo alvoroço.

Em Babe (Bragança), logo que a cerimónia religiosa termina, jovens e crianças colocam-se em duas filas nas escadas que levam à porta principal. Com fios de ouro, cordões, ou até uma simples vide, fazem os *laços*. Cada um pega por sua extremidade, e impedem a passagem dos noivos e padrinhos.

⁽⁶⁾ Em Carviçais (Moncorvo), a noiva levava um ramo de flores brancas na mão direita, como sinal de virgindade. Se o não fosse e levasse o ramo, sujeitava-se a um vexame da parte da comunidade, que considerava abusivo usar tal insígnia. Em Paradinha Nova (Bragança), a noiva, no fim da missa, ia colocar o ramo no altar de Nossa Senhora. Se este não se segurasse de pé, é porque a noiva não era virgem. Não era *boa rês*, como disse a informadora.

⁽⁷⁾ Em Seixo de Manhoses (Vila Flor), diz-se que se o noivo visse a noiva antes da hora do casamento, no fim da vida ficaria cega.

O primeiro laço é feito pelos mordomos de Santo Estêvão ou Festas dos Rapazes. É desempenhado (pago) pelo padrinho. O segundo laço fazem-no as mordomas de Nossa Senhora do Rosário, e é desempenhado pela madrinha. É curioso este laço na sua forma: um rectângulo, feito com ripinhas de madeira, recobertas por fitas ou laços, azuis e brancos. Dentro da moldura desse rectângulo estão as iniciais do noivo e da noiva. Todo este conjunto é adornado com o oiro pertencente a Nossa Senhora do Rosário. Por este motivo o produto da oferta que a madrinha dá, é agora para Nossa Senhora, assim como o primeiro laço foi para as Festas de Santo Estêvão. Regra geral, todos os mordomos de cada altar ou imagem, põem o seu laço. Os laços que se seguem são para os particulares. Quando os noivos chegavam à porta da casa da noiva, lá estava de novo o laço de Nossa Senhora do Rosário, seguro pelas duas mordomas, enquanto dois cantores ou cantoras cantam as *loas*. Depois de cantar, os noivos passavam por baixo do arco e entram na casa da noiva.

Em Paçó (Rio Frio, Bragança), *cantava-se o ramo*, antes do casamento religioso. Era a despedida de solteiros. À saída da igreja também nesta aldeia se colocava a *talanqueira* feita pelas zeladoras de Nossa Senhora. Desempenhavam-na os padrinhos do casamento. Mais à frente estava a *talanqueira dos solteiros*. Era o noivo que a desempenhava. Feita por dois fios de ouro, unidos um ao outro, com ela se obstruía a passagem da rua. A terceira *talanqueira* pertencia aos casados, e desempenhavam-na os *casões* (os noivos). Com a dádiva por eles oferecida comprava-se uma remeia (6,5 litros) de vinho.

A expressão *desempenhar*, usada nalgumas terras, pode referir-se ao contrato matrimonial que algumas sociedades realizavam *por serviço* ou *por estipulação* ⁽⁸⁾, onde o noivo tinha de arranjar meios para adquirir a noiva ⁽⁹⁾.

Laços, talanqueiras, trilhagens, tranca-ruas ou *arco de andar*, são expressões sinónimas. Este último nome, usado em Vilar dos Peregrinos (Vinhais), referia-se aos mesmos laços ou arcos, feitos de lenços e oiro, e acompanhavam os noivos da igreja até à casa da noiva. Quantos mais arcos

⁽⁸⁾ Berando Bernardi, *Introdução aos estudos etno-antropológicos*, p. 275.

⁽⁹⁾ Por informação escrita, depois pessoalmente confirmada, soubemos que em Constantim (Miranda do Douro), ainda hoje, os rapazes, pela noite, fazem uma *rastrina* (rasteira) de palha, desde a casa do noivo à da noiva. Isto acontecia, quando os namorados eram apanhados em cenas mais atrevidas, e então a comunidade fazia-lhes a *rastrina*, para que apressassem o casamento e não andassem a fazer fraca figura. Carmelo Tolosana, em *Antropologia de Galícia*, p. 79, refere o mesmo hábito.

tivessem da igreja até casa da noiva, maior honra se prestava aos noivos ⁽¹⁰⁾.

Na Matela (Vimioso), um arco feito de silvas ou vergôntea, recoberto de flores, esperava os noivos. As moças que o seguravam, diziam-lhes:

*Venham debaixo do arco,
Se é da vossa vontade.
Em nossa companhia venha
A Santíssima Trindade.*

Pelo caminho apareciam pessoas que lhes ofereciam ramos feitos com roscas e rosquilhos. Quando havia luto num dos noivos, o ramo levava uma fita preta com a seguinte quadra:

*O luto que o ramo leva,
Ninguém o deve estranhar.
É o luto do seu pai (ou mãe)
Por não os vir a acompanhar.*

Cada ramo oferecido tinha de ser cantado, com quadras apropriadas. Esta que transcrevemos, é a mais comum, e existe noutras aldeias, com pequenas variantes.

*Pare o acompanhamento,
Como a terra pára no chão.
Quero dar este ramo
A quem vem de dar a mão.*

Nesta aldeia de que vimos falando — Matela —, havia uma senhora conhecida por *esquerda*. Casou um filho e alguém inventou a seguinte quadra, tirando efeito cómico com o jogo de palavras:

*Aceita com a mão direita
Esta pequena lembrança.
Mas olha que a esquerda tem
Para ti muita importância.*

⁽¹⁰⁾ Curiosa a talanqueira ainda em uso na aldeia de Saldanha (Mogadouro). A meio do caminho, entre a igreja e a casa dos noivos, no regresso, aparecia uma cena cómica, onde entravam os seguintes personagens: soldados de armas na mão, que intimavam o cortejo a parar; um bobo, que levava um burro preso a uma carroça; uma espécie de fiscal, que escrevia a sentença ou multa a aplicar aos noivos. Esta talanqueira é comum ainda hoje noutras aldeias daquela zona, como seja, Vilariga, Castanheira, Valcerto.

O cortejo, com a participação de quase toda a aldeia, e com todo este jogo cénico à mistura, vai chegando ao fim. As *talanqueiras*, as *trancas*, ou os *laços* são termos quase sinónimos. Fingem uma oposição à saída. Indicam uma paragem. Exigem uma contrapartida, um contributo, pecuniário ou em géneros, que vem dos noivos ou dos padrinhos. Na nossa aldeia, Castro Vicente (Mogadouro), surgiu ou existia um hábito que resultava em economia para os padrinhos. Estes, ao sair da igreja, atiravam ao ar uma mancheia de trocos, e era de ver a garotada, enovelando-se a ver o que mais apanhava. A este gesto de atirar dinheiro ao ar, chamam em Vila Flor, *atirar à rebantina*.

«No meu casamento num houve amêndoas. Cumpremos uma arroba de figos e demos binho a toda a gente...», disse-nos uma informadora da Petisqueira.

Como veremos, uma literatura própria surgiu de todos estes ritos. A poesia expressa nas *loas* ou *loias* (como se diz em S. Pedro Velho, Mirandela), acompanhava-os, necessariamente. Nos hábitos descritos nota-se um fundo cultural comum. As variantes que aparecem, são uma consequência natural da evolução e criatividade dos actores que era quase toda a comunidade.

Em Vilar dos Peregrinos e S. Pedro Velho, as *talanqueiras* faziam-se com objectos que aludiam à profissão de cada um dos noivos. Se ele era lavrador, colocavam um arado, grade ou carro de bois. Se a noiva era costureira, um açafate, uma tesoura, dedal e agulha, colocados sobre uma cadeira coberta com uma colcha, denunciavam a sua profissão.

Se o povo é poeta, nas situações mais simples, ou mais trágicas da vida, com muito mais razão no rito do casamento, onde alegria e abundância criavam uma euforia propícia à música e à poesia. A novidade, associada à solenidade dos actos mais simples, mesmo que repetitivos, encontramos-na nas *loas*, que incluímos no fim deste trabalho.

*O padrinho e a madrinha,
Cheguem-se cá para a dianteira.
Venham desempenhar o laço
Qu' stá na talanqueira.*

4. Rapto da noiva. Crítica e prestígio social

Este uso era comum a várias sociedades. A história clássica romana refere-nos o rapto das Sabinas. Rómulo, com falta de população, quis remediar o facto, organizando jogos em honra de Neptuno. Assim conseguiu

atrair os povos vizinhos, entre os quais estavam os Sabinos. Os jovens romanos raptaram-lhes as mulheres.

O rapto da noiva constituía já um impedimento dirimente no antigo direito canónico ⁽¹¹⁾. A simulação de rapto ainda existe nalgumas aldeias. Citemos o costume na aldeia de Palaçoulo (Miranda do Douro). Um grupo de mulheres casadas juntava-se ao pé de uma casa onde iria passar o cortejo nupcial. Quando viam que o noivo estava distraído, raptavam-na para dentro dessa casa. Para a reaver tinha o noivo de pagar uma quantia simbólica.

A *chocalhada* está ainda viva nas nossas aldeias. É um momento de censura colectiva, que gira à volta dos casamentos. Em Palaçoulo era organizada pela mocidade, com a participação dos casados e garotio. Fazia-se a altas horas da noite, ou mesmo já quase de madrugada. Razões para tal? Casamento de viúva que não tendo ainda terminado o luto, se juntava com algum sujeito. Também se faz a *chocalhada* aos noivos que não pagaram o vinho (em Palaçoulo). Compunha-se de diversos chocalhos e campainhas, panelas, tampas de panelas e outros latos. Esta orquestra improvisada reunia-se na praça da aldeia e percorria as ruas para alertar. Dirigia-se depois à porta dos infractores, e besuntavam-lhes a porta da casa com tinta ou barro. Só quando os noivos em dívida saíam à janela e se resolviam a pagar, é que terminava a *chocalhada*.

Lembramo-nos de uma *chocalhada* na nossa aldeia, em Castro Vicente, quando um pedinte, chamado Ricardo, pobre, apareceu na aldeia com uma companheira, tão pobre ou mais do que ele. A aldeia animou-se, deu vivas ao senhor Ricardo e mais à sua Senhora, e levantou-lhe uma bandeira à porta, como era uso só nos casamentos ricos.

Algo parecido com a *chocalhada* era o *tocar o lato*. Num casamento a que assistimos, em Freixo de Espada-à-Cinta, no regresso para casa da noiva, ao passar em frente de certa casa, ouvimos um tocar de lato. Perguntámos ao sacristão o motivo de tal música. Respondeu-nos que se tratava de uma rapariga amuada, e que assim mostrava o seu desagrado ao noivo que a trocou por outra.

⁽¹¹⁾ *Não pode casar com mulher furtada o homem que a furtou. Vide, Constituições Sinodais de Lamego, 1683, p. 108; Constituições Sinodais de Braga, 1697, p. 135. Nos forais de Junqueira e Santa Cruz, concedidos respectivamente em 1202 e 1225, falava-se no rapto. Vide Abade de Baçal vol. IV, pp. 161 e 427. — Também Viterbo no seu *Elucidário*, se refere ao *rauso* como um hábito medieval do roubo de alguma filha que vive com seus pais, curadores, ou parentes, e que violentamente he conduzida de um lugar a outro...*

Em terras de Miranda chamavam à *chocalhada* outro nome. Era a *ferrunfunfada*.

A comunidade era contundente nas críticas sociais. Ainda hoje, nos arredores de Bragança, em Aveleda e Sacóias, nos colóquios realizados pelo Natal, saem a lume os defeitos mais notórios dos indivíduos da comunidade. O casamento não fugia a essa regra. Em Paçó de Rio Frio, quando se sabia que a noiva era mal comportada, os jovens, pela calada da noite, iam colocar uns cornos de carneiro, pendurados por cima da porta. Facto idêntico acontecia na aldeia de Campo de Víboras (Vimioso). Havia no adro da igreja uma árvore, uma acácia. Quando a noiva tinha mazelas morais, enquanto o casamento se realizava na igreja, alguém se encarregava de pendurar na acácia a *armação* do carneiro. Quando saíam da igreja, o olhar dos noivos diriga-se discreta e instintivamente para a dita acácia, a que poderíamos chamar a árvore da vergonha.

Correr a rosca. Sem ser exclusivo, era um hábito muito comum a terras de Miranda. Era uma forma de animação, e trazia prestígio social ao vencedor. Em Palaçoulo, no dia do *paga-vinho*, o segundo a seguir ao dia da boda, da parte de tarde, trazia-se a rosca (pão trigo, redondo, furado no centro) e colocava-se sobre um tapete de lã, sobre uma cadeira. Corriam dois a dois, para ver qual saía vencedor. Também entravam os casados. Ganhava a rosca quem vencesse a corrida três vezes seguidas ⁽¹²⁾.

Em Lagarelhos (Vinhais), à corrida da rosca só assistiam os noivos e convidados. Ali, a rosca era sustentada na mão. Os concorrentes dividiam-se em grupos, conforme as idades. O mais veloz era o que ficava com a rosca.

No meio de alegria efusiva e da animação geral, estes concursos pedestres preparavam também o organismo para o baile que, geralmente, ocupava a parte final do dia, incluindo ainda a noite. A desidratação causada pelo esforço físico abria o apetite para uns copos de vinho e demais alimentação.

5. Noite de núpcias e brincadeiras

Em certas aldeias, os noivos abriam o baile com que terminava o dia do casamento. Eram obrigados a estar até ao fim. Noutras, podiam ausen-

⁽¹²⁾ Na aldeia de Picões (Alfândega da Fé), no dia a seguir ao do casamento, os noivos *distribuem a carotcha*. Eram bandejas de doces e tremoços levados a casa dos familiares dos noivos.

tar-se logo que o desejassem. Pela noite dentro iam fazer-lhes uma chocalhada à porta de casa. Por vezes subiam para o telhado da casa, ou iam para a loja, e comentavam com ditos apropriados à noite de núpcias. Em Quintela de Lapaças (Bragança), não podiam os noivos dormir juntos na primeira noite. A noiva dormia com a mãe, para esta lhe explicar certas regras matrimoniais. Em Vale d'Asnes (Mirandela), dormiam a primeira noite na cama de solteira da noiva.

Em Bragança, a cama dos noivos era feita por uma mulher casada e uma jovem. Em Seixo de Manhoses (Vila Flor), a cama nupcial era feita pela conselheira e pela mãe da noiva. A mulher casada que ajudava a fazer a cama devia dar-se bem com o seu marido. Em Mogadouro, o último a apagar a candeia era o que morria primeiro, dizia-se. Proibições moralísticas de uma sociedade profundamente respeitadora de uma ética tradicional.

Voltando de novo à palavra *conselheiros*, apenas encontramos uma referência explícita, em Seixo de Manhoses. O rapaz devia ter um conselheiro, e a rapariga, uma conselheira. Esta ensinava à noiva como comportar-se com o noivo na noite nupcial, mesmo que já não fosse virgem. Por isso aconselhava-a a casar no período das regras. Também se encarregava de arranjar e conservar as flores para o arco, sem a noiva saber. Conserva-as durante três meses, em açúcar escuro, derretido em água. Quando este segredo não é guardado, contam-se as infelicidades e acidentes que aconteceram ao futuro casal. Também era a *conselheira* que dava o último banho de solteira à noiva.

6. Simbologia e frutos agrícolas no casamento. O carro de bois

À saída da porta principal da igreja, estavam duas ou três raparigas, amigas ou primas, para cantarem os ramos. Estes eram constituídos por uma armação em forma de losango de madeira, com um pé. Tudo era revestido de papel branco. Esta armação era enfeitada com os tradicionais roscos, bolachas e outros bolos, frutas, como laranjas e maçãs. Na extremidade superior era colocado um pão de ló, enfeitado com uma laranja, espetada num pauzinho afiado, e enfeitada com uma fita em forma de laço, de ponta comprida, a esvoaçar ⁽¹³⁾.

⁽¹³⁾ Excerto de um trabalho de campo, feito por Isabel Maria Domingues Ferreira, de Palaçoulo.

Foi assim que uma aluna descreveu um ramo usado na aldeia de Palaçoulo. O uso do ramo é frequente, ainda hoje, em festas pascais e natalícias. Os doces apresentam figuras diversas, desde as antropomórficas, às zoomórficas e até fálicas. Estamos a lembrar-nos de um ramo monumental, que pesaria mais de cinquenta quilos, numa festa de Outeiro, em princípios de Janeiro.

Em todos os ramos aparecem quase sempre os mesmos frutos: maçãs, laranjas, nozes. A maçã ainda se pode explicar pela sua abundância nestas terras ⁽¹⁴⁾. O mesmo não acontece com a laranja ⁽¹⁵⁾. O recurso a este fruto, estranho a esta região, só pode explicar-se por razões simbólicas. Contém ou simboliza a fecundidade, expressa nas sementes que encerra. Também o trigo ou o arroz, é lançado como homenagem aos noivos, e também às imagens dos santos, durante as procissões. No regresso da igreja, mulheres colocam-se de malga de barro na mão, e atiram com punhadinhos de trigo aos noivos e demais acompanhamento. O trigo é como se fosse *um presente dos deuses, ligado ao dom da vida* ⁽¹⁶⁾. A teologia cristã, pela voz de S. João, transmite ao tema pré-cristão a semente da imortalidade ⁽¹⁷⁾.

Entre os gregos e os romanos, os sacerdotes espalhavam trigo ou farinha sobre a cabeça das vítimas, antes de as imolar.

Os tremoços bem curados tornavam o casal feliz. Se estivessem amargos, era sinal de infelicidade. Assim, dizia-se em Pinelo (Vimioso): — *Ides-vos dar bem*, ou *ides-vos dar mal*, conforme estivessem bem ou mal curados. A sua presença é quase sempre obrigatória, tanto em baptizados como em casamentos. É peguilho obrigatório antes da refeição principal, acompanhados de uns doces e copos de vinho. Sujeitos à maldição divina, como reza a lenda, de jamais saciarem quem os come, por terem revelado, secos, com aquele som de ruge-ruge, a fuga de Nossa Senhora para o Egipto aos seus perseguidores. Nunca tiram o lugar à abundância pantagruélica das refeições festivas.

⁽¹⁴⁾ Aqui não será a maçã da discórdia ou desobediência, mas sim *um fruto de magia e de revelação* que favorece a juventude e a renovação contínua. *Vide, Dictionnaire des Symboles.*

⁽¹⁵⁾ *Em S. Tiago da Cruz, no Minho, penduram no arco um limão e uma maçã: a noiva pega no limão e o noivo na maçã, trocando em seguida entre si os frutos. Vide, Leite de Vasconcelos, Tradições populares de Portugal, p. 249.*

⁽¹⁶⁾ *Entre os gregos e os romanos, os sacerdotes espalhavam trigo ou farinha sobre a cabeça das vítimas antes de as imolar. — Vide, Dictionnaire des Symboles.*

⁽¹⁷⁾ S. João, 12, 23-25.

O bolo dos noivos e a sua oferta ou partilha pelos circunstantes, é facto generalizado. Todo o cerimonial do casamento tem raízes, quando não pré-históricas, pelo menos clássicas. Noivo e noiva, na Roma clássica, diante do altar dos Penates, comiam o bolo de farinha flor. Com a cerimónia de partir e comer o bolo em comum, ficaram associados no mesmo culto ⁽¹⁸⁾.

O carro de bois. No princípio do século era comum em todo o distrito de Bragança, enfeitar um carro de bois com colchas e flores para irem esperar ou levar os noivos. Na Matela (Vimioso), quando da torna-boda, os rapazes da terra do noivo enfeitavam um carro com *cobertas, fitas e flores*, e iam com ele à espera dos noivos, quando vinham do civil. Na Pestisqueira (Bragança), quando os noivos vinham do civil, colocavam dois molhos de silvas, um em cada entrada da aldeia. Noutra aldeia do concelho de Mogadouro, iam esperar os noivos ao caminho da terra para onde iam viver (geralmente a terra do noivo). Levavam um carro de bois enfeitado com heras e flores. O tocador dos bois, a que se chamava *chamador*, era o rapaz mais bonito da aldeia. O uso do carro era mais frequente quando os noivos eram de terras diferentes, e usava-se para ir buscar ou esperar a noiva. Na aldeia espanhola de Rio Manzanás, vizinha de Guadramil, ainda vigora o hábito do carro, mas puxado por rapazes.

Em Salsas (Bragança), *se a noiva era de outra aldeia, o povo da aldeia do noivo enfeitava um carro de bois com cobertas e flores, e os bois com laçarotes e campainhas, e iam três moças vestidas de lavradeiras, à frente dos bois. Estes vinham dentro do carro, e os acompanhantes a pé, e iam todos para casa dos pais do noivo e fazia-se a torna-boda...*

7. Literatura, filosofia e casamento

Por bem menos o povo anónimo criou literatura. Sendo o casamento um rito de agregação de extrema importância em todas as sociedades, não é de admirar que a seu pretexto tivesse surgido um florilégio rico, nas suas mais variadas formas.

Embora a lei canónica ou civil não proíba o casar mais do que uma vez, o costume vai contra essa norma jurídica positiva: — *O primeiro*

⁽¹⁸⁾ *Sebenta de História da Civilização Romana*, p. 337; Abade de Baçal, vol. IX, p. 319.

casamento fá-lo Deus; o segundo mandou-o fazer; o terceiro, Deus não quis saber.

Os provérbios constituem uma amostra representativa do pensar das gentes sobre este acontecimento social. Nem todos os meses eram bons para casar. *Quem casa em Agosto, casa na flôr do rosto.* O mesmo era dizer, que casar neste mês, indicava pouca duração de vida.

A dinâmica da época não poupa os hábitos mais cristalizados. Presentemente, a maior parte dos casamentos faz-se em Agosto. São os emigrantes que motivam essa alteração, por causa das férias que gozam naquele mês.

O mês de Março era o dos preguiçosos, porque *bodas em Março é sinal de madraço.*

No tempo das saias até ao tornozelo, aceitava-se plenamente este conselho: — *A perna até ao joelho é para quem a quiser ver; do joelho para cima, de quem a merecer.* Dentro dos presentes, que já atrás aflorámos, está a roca, o linho ou a lã. Por isso, na Cisterna (Vinhais) se dizia:

*Senhora esposa, tome lá esta rocada
Que não é dada, é emprestada.*

Creio que a última parte do dueto se deve referir à oferta mútua. Quem presentes dá, presentes há-de receber. Isto se exprime naqueloutro provérbio: — *Mãos que não dais, por que esperais?*

Não focamos o problema da residência dos noivos, mas ele aparece aqui, neste provérbio:— *P'ra onde vais, mulher? P'ra onde meu home quiser* (Soutelo e Meixedo, Bragança).

Ficar para tia, era vexatório. Como conforto para alguém que ia desesperando, aí temos: — *Se queres casar, não desesperes. Quando nasceu uma sapa nasceu também um sapo. Ninguém fica sem casar. Se não é com quer, é com quem calhar* (Seixo de Manhoses).

Na aldeia da Matela diz-se:

*Na terça e na sexta,
Não tua teia urdas;
Não tua pita botes,
Nem tua filha cases.*

Para os romanos havia os dias nefastos, proibitivos, porque traziam má sorte, e os fastos, propícios aos deuses. Daí que tivesse surgido o

aforismo: — *Não cases a tua filha nem à terça, nem à sexta, nem urdas a tua teia. À sexta não cases a filha nem vás à eira. E, antes de casares, olha o que fazes. Não cases à quinta, que morre o galo e fica a pinta, apesar de casar à quinta-feira não faz mal, porque ela aprontou o bragal.*

O casamento da gente simples era quase sempre ao domingo, não obstante o seguinte rifão: — *Quem casa em sábado, fica bem casado, ou casa em sábado sem missa, no domingo vai à missa. Antes de casares, olha o que fazes, porque casamento apressado, arrependimento demorado.* Porque a lua de mel não dura sempre, também se diz que *grande amor, grande labor, e casa, casa, que Deus dará pão; depois de casado, dará ou não.* É um chamar de atenção contra os optimismos exagerados.

Mais uma censura ao casamento de viúva. Considera-se uma falta de respeito para com a memória do marido. Para marcar bem este procedimento, nada melhor que este ditado: — *Quem tripas comeu e com viúva casou, sempre se lembra do que por lá passou. Entre mortos e casamentos não há arrendamentos,* porque, tanto um acto como outro, comprometem para toda a vida ⁽¹⁹⁾.

Nos cortejos nupciais, as melhores atenções vão para a noiva. Não admira, que *no dia da boda só a noiva é boa.* Embora a sociedade agro-pastoril viva solidariamente os grandes momentos de todos os ritos, a *bodas e baptizados ninguém vai sem ser convidado; mas a baptizados e a bodas vai a gente toda.*

Aqui fica este registo da filosofia popular, que não esgota outros aspectos que vamos focar.

Sabemos como os romanos e gregos celebravam o casamento com poesia própria. O epitalâmio era um canto nupcial entoado por um ou dois coros. Na *Iliada* refere-se um, na descrição do escudo de Aquiles (XVIII, 493) ⁽²⁰⁾. O himeneu era outra forma poética coral entoada pelo

⁽¹⁹⁾ Maria Helena da Rocha Pereira, *Hélade*, p. 34.

⁽²⁰⁾ Embora já um pouco fora do contexto, não podemos deixar de fazer referência a um rito curioso, usado noutros tempos aqui perto, em Terras de Aliste, e chamado pelo investigador, *rito mingitório*. Diz o nosso amigo Francisco Rodriguez Pascual, professor na Pontifícia Universidade de Salamanca: — *Nos encontramos ante una práctica insólita, única e quizás antiquísima, que ha perdurado hasta nuestros mismos días en pueblos como Carbajales, Muga, Manzanal... Consiste sustancialmente en lo que sigue. Por la tarde del día segundo de la boda, novios y convidados se dirigen a la era municipal o al campo abierto. Allí la nueva esposa tiene que mear o hacer ademán de mear en un hoyo determinado... mientras la concurrencia la rodea y jalea el acto. Vide, Francisco Rodriguez Pascual, *El Ciclo Vital en Tierras Zamoranas*.*

cortejo da noiva, enquanto deixava a sua casa e se dirigia para a do noivo. Essa poesia clássica ficou apenas registada na respectiva literatura, embora o hábito do canto e da poesia continuem arraigados nos nossos dias. A maior parte das loas são autênticos hinos de louvor aos noivos. Em Pinelo, durante o jantar do casamento, uma prima da noiva oferecia-lhe um ramo de flores e recitava:

*Recebe, prima, este ramo,
Com alegria e contentamento.
É uma pequena lembrança
Do dia do casamento.*

O cancioneiro popular também glosou o tema casamento em diversas canções. Sem a transcrever, porque é muito vulgar, façamos referência ao *Gerinaldo*, canção da segada. Pelo seu valor humorístico e documental, e por ser menos vulgar, transcrevemos a canção d'*O Velho*:

*Olha o velho, olha o velho,
Olha o velho dos quintais!
Gosta dos figos maduros,
Depenicados dos pardais.
Olha o velho, olha o velho,
Olha o velho atrevido.
Ele disse na minha cara
Que queria casar comigo.*

*S'eu casar c'o velho, velho,
Há-de ser na condição: —
Eu dormir na cama foja,
O velho dormir no chão.
Levantei-me de manhã cedo,
Levantei-me a cozinhar.
Encontrei o velho morto
Nas pedrinhas do meu lar.
Senhor mestre sapateiro,
Vá chamar o meu vizinho,
Que vá dar os sinais,
Já morreu o meu velhinho.*

*Façam-lhe a cova bem funda,
Que dela ele não possa sair.
Ele era bẽm amiguinho
Das criadas de servir.
Das criadas de servir,
Daquelas que andam na moda.*

*É por isso qu'aparecem
Tantas crianças na roda.
Olha o velho, olha o velho,
O velho com quem casei!
Ele agora já morreu,
Viuvinha já fiquei.*

O tema expresso nesta bela canção do ciclo agro-pastoril foi também glosado por Gil Vicente. As rondas, que ainda estão na memória do povo, fizeram do tema fonte de inspiração inesgotável:

*Coitadinho de quem tem
Dois namorados numa rua.
Passa por um, diz-lhe adeus;
O outro logo amua.* (Carlão)

*Silvas há que prendem silvas,
Silvas há que amoras dão.
Uma silva nesta terra,
Prendeu meu coração.*

Estes pequenos excertos literários são aduzidos como parte de um todo que urge abarcar numa visão global. No entanto, não se dispensa o trabalho de especialistas em literatura popular.

Também nos parece indispensável, após esse levantamento geral, fazer o confronto das produções de cada região do distrito de Bragança. Temos sentido, em trabalhos similares, as marcas pessoais de uma comunidade rural e pastoril que se afirmou de um modo muito próprio, ao longo da sua história.

É tempo de chegar ao fim. Sem possibilidade de captar os diferentes aspectos que o tema reveste em todas as aldeias, serve este trabalho de sondagem, para realçar a importância de um rito que presentemente vive em época de mudança.

Agora, o casamento faz-se num santuário, e menos na igreja da aldeia. As talanqueiras foram, ou vão sendo substituídas pelos leilões do ramo, da gravata do noivo, ou do sapato da noiva, apregoados no fim do copo-d'água, servido no restaurante. As *loas*, envergonhadas, desapareceram.

Lá se vai todo um passado milenar, enterrado no anonimato urbano de factos que não são históricos nem culturais. Que este pequeno trabalho contribua para salvar do esquecimento a memória e identidade de um povo que sempre se afirmou como senhor do seu destino.

RESUMO

Há campos de pesquisa privilegiados, que fornecem ao investigador informações indispensáveis para o conhecimento de uma comunidade. Os ritos de passagem — e, muito particularmente, o casamento — são traços marcantes do sentir de um povo.

A partir do estudo do casamento é possível conhecer a boa ou má relação entre os cônjuges e restantes familiares e, ainda, o seu estatuto social e económico.

Nas sociedades arcaicas, de economia agro-pastoril, o sobrenatural é o elemento primordial, que facilita e dificulta (ou condiciona) a aproximação dos jovens em idade de contrair matrimónio.

Sanções sociais, como a do «paga-vinho» e a «chocalhada» são aspectos curiosos, ainda em uso em certas aldeias. As «loas», bem como os provérbios, traduzem o sentido poético e filosófico, sempre presente nos momentos importantes da vida, destas comunidades.

Este trabalho é o resultado da pesquisa realizada, neste âmbito, no distrito de Bragança. Pretendemos, com a sua divulgação, contribuir para a análise sócio-cultural da população desta região que, presentemente, vive numa época de mudança e em perigo de perder a sua identidade e tradições.

SUMMARY

There are privileged sources of research which supply the investigator with indispensable information for the knowledge of a particular community.

The transitory rites, especially those concerning marriages, strongly unveil the way of feeling of a people. Once we learn about marriages, it is possible to determine the good or bad relationship of the married couples and their families, as well as their social and economical status.

In the case of archaic communities, economically dependent from farming/pastoral activities, supernatural-beliefs constitute the main component to condition the behaviour of the youths approaching marriage. That is, superstition makes it easier, or more difficult, for the young boys and girls to get together.

Social sanctions imposed by the community at Bragança such as the «paga-vinho» (1), and the «chocalhada» (2) are curious aspects of the people, still in use in some villages. The «loas» (3), as well as their proverbs, clearly reveal the poetic and philosophical sense always present in the most important moments of their lives.

This work is the result of a research done on the subject within the district of Bragança and it is hoped that it contributes to the social/cultural study of the population of this region, which, at present, is going through times of great change and in danger of losing their identity and traditions.

BIBLIOGRAFIA

- BRAGA, Teófilo — *O povo português nos seus costumes, crenças e tradições*, Lisboa, Publicações D. Quixote, 1985, 2 vol.
- BERNARDO, Bernardi — *Introdução aos estudos etno-antropológicos*, Lisboa, Edições, 70, 1978.
- CONSTITUIÇÕES SINODAIS DE LAMEGO, 1683.
- CONSTITUIÇÕES SINODAIS DO ARCEBISPADO DE BRAGA, 1697.
- DIAS, Jorge — *Rio de Onor — Comunidade agro-pastoril*, 2.^a ed., Lisboa, Editorial Presença, 1981.
- FRANCISCO BLANCO, Juan — *Usos y costumbres de nacimiento, matrimonio y muerte en Salamanca*, Salamanca, Diputation de Salamanca, 1986.
- LISON TOLOŠANA, Carmelo — *Antropologia cultural de Galicia*, 3.^a edic., Madrid, Siglo veinteuno de España, 1977.
- MAUSS, Marcel — *Manual de Etnografia*, Lisboa, Edit. Pórtico, 1972.
- RODRIGUEZ PASCUAL, Francisco, *et al.* — El ciclo vital en Tierras Zamoranas, *Studia Zamorensia*, n.º 5, 1984, pp. 137-180.
- SEIÇA, Maria da Assunção — *Sebenta de História da Civilização Romana*, Coimbra, 1985.
- VASCONCELOS, J. Leite de — *Opúsculos-etnologia*, Lisboa, Imprensa Nacional de Lisboa, 1938, vol. VII.
- *Tradições populares de Portugal*, 2.^a edic., Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1986.

(1) «Paga-vinho» — Sanction imposed to an outsider in love with a girl from the community. For the «intruder» to become her sweetheart, first he would have to pay the boys of the community a certain amount of wine, bread, cigarettes, etc., after which all ends in festivities and the boy is allowed to talk to the girl by her doorstep.

(2) Collective criticism of the marriages not approved of by the community, namely, when a widow remarries before the usual mourning time, or when the bridegroom was an outsider but did not pay the «paga-vinho» sanction. The «chocalhada» consists of making loud noises, late at night, at the door of the offenders, using cow-bells, rattles, pot-lids, etc.

(3) «Loas» — Songs



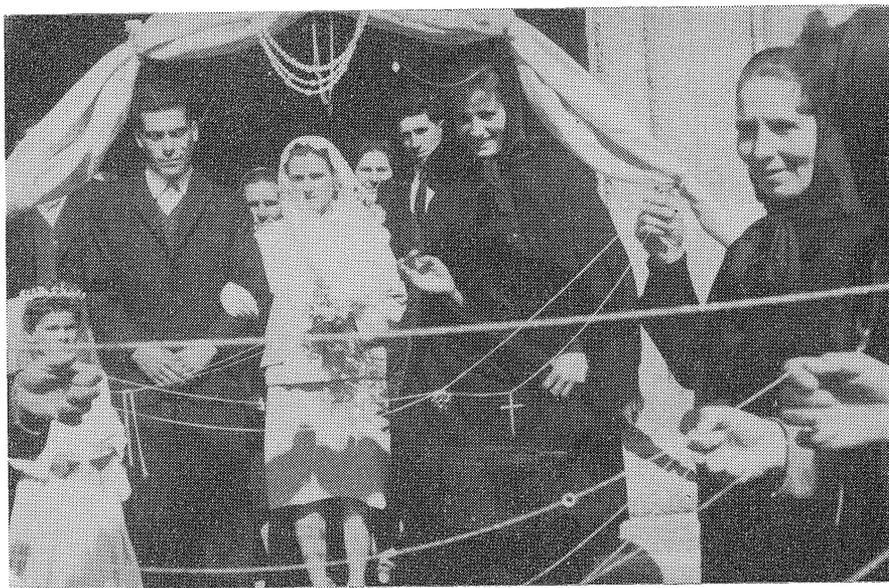
1 — *Talanqueira* da Senhora do Rosário, ornada com o oiro de Nossa Senhora e iniciais dos nomes dos noivos (Babe, Bragança).



2 — *Idem*, pormenor.



1 — *Talanqueira* dos casados (Babe).



2 — *Talanqueira*, à saída da igreja, feita com cordões de ouro (Carrazedo, Bragança).

APÊNDICE

LOAS DE CASAMENTO

Amostragem de algumas aldeias do distrito de Bragança

LOAS

I

*Peço ao novo auditório,
Que aqui vem acompanhar,
Que nos conceda licença,
Para aqui vir falar.*

*Oh! Meu primo Manuel,
Primo de infinidade!
Trate bem a minha prima,
Com amor e lealdade.*

*Viva o noivo, viva a noiva,
Vivam todos em geral!
Vivam os senhores padrinhos,
Viva o nosso Portugal.*

*Oh! Minha prima Maria,
Prima do meu coração!
O teu bom comportamento
Merece toda a estimação.*

*Era com um sol tão lindo,
Todo cheio de verdura.
Viva o teu noivo Manuel,
Que te amaria com ternura.*

*Era com um sol tão lindo,
Todo cheio de verdura.
Viva a tua noiva Maria,
Que t'amaria com ternura.*

*Com isto nos despedimos,
A todos pedimos perdão.
Agora os senhores padrinhos,
Deitem-lhe a sua benção.*

II

*Foste tu hoje à igreja,
Minha salvinha de prata.
Foste dar um nó tão cego,
Só o amor to desata.*

*Pediste licença a teu pai,
E também à tua mãe,
Para te pôr nesse estado,
Deus queira que te vá bem.*

*Esta rosa, senhor noivo,
Ainda ontem era botão.
Trate dela com amor,
Meta-a no seu coração.*

*Toma lá este raminho,
No meio tem uma faca.
Tu, casada, eu solteira!
Não lhe encontro nenhuma graça.*

III

*Ó senhor Henrique Pires,
Digo-lhe com alegria:
Que arranjou a melhor moça,
Que havia na freguesia.*

*Anda cá, ó estrela brilhante,
Vem dirigidinha ao norte.
Já vejo que vens casada,
Deus te dê boa sorte.*

*Toma lá este raminho,
Composto de laranjeira.
Deus queira que te não lembre
O estado de solteira.*

*Recebe, ó prima, este ramo,
Com alegria e contentamento.
É uma pequena lembrança,
Do dia do teu casamento.*

IV

*Parem todos os senhores,
Ao meio desse caminho.
Façam-nos esse favor,
Demorem-se um bocadinho.*

*Ó minha prima Prudência,
Amiga do coração!
Já vejo que vens casada
Com um moço de estimação.*

*Vindes da igreja de Deus,
De fazer o vosso juramento.
Por testemunha deixastes
O Santíssimo Sacramento.*

*O casar é muito triste,
Ponde-se bem a pensar,
Quando dizem que só por morte
Um se pode afastar.*

*Os casados que se dão bem,
Até aos anjos dá inveja!
Porque é um sacramento
Instituído pela igreja.*

*Nosso Senhor vos abençõe
Esse vosso casamento.
Os anjos acompanhem,
E o Santíssimo Sacramento.*

Loas ou ramos cantados aos noivos em Pinelo (Rio Frio) quando saem da igreja

V

*Onde vai, senhor António,
Onde foi colher a rosa?
Foi à terra de Moredo,
Onde estava tão formosa.*

*Onde foi, senhora Ilda,
Onde foi colher o cravo?
Foi à aldeia de Salsas,
Onde estava tão estimado.*

*Toma lá este raminho,
Raminho de laranjeira.
Queira Deus que te não lembre
A vidinha de solteira.*

*A vidinha de solteira
Nunca te há-de lembrar,
porque o senhor António
É capaz de a estimar.*

VI

*Oh! Minha querida mana,
Oh! Mana do meu coração!
Ainda te hás-de arrepender
De dar hoje a tua mão.*

*Tens marido a quem querer,
Tens sogro a quem estimar;
Mas a vida de solteira
Ainda te há-de lembrar.*

*Toma lá este raminho;
Representa a perfeição,
A pureza e a virgindade,
Nascidas no coração.*

*Toma lá este raminho
Que ainda ontem veio da tenda.
Sobre a mesa me hás-de pôr
Arrate e meio de amêndoas.*

*Pare aí esse auditório,
Façam alto nessa rua.
Cada qual sempre deseja
De encontrar a quem procura.*

*Pare aí esse auditório,
Façam alto nessa escada.
Aqui vem uma solteira
P'ra falar com a casada.*

Salsas, 1983

VII

*Tome lá, menina Ana
Este ramo de mangerico.
Deus queira que se não lembre
Da mocidade em que eu fico.*

*Onde foi, senhor João,
Onde foi escolher a rosa?
Foi ao bairro do Eiró,
Onde estava tão formosa.*

*Donde vem, senhor João,
Donde vem tão desmaiado?
Mesmo na cor da gravata
Bem se vê que vem casado.*

*Onde foi, senhora Ana,
Onde foi escolher o cravo?
Foi ao bairro das Cortinhas
Onde estava tão estimado.*

*Donde vem, senhora Ana,
Donde vem tão descorada?
Mesmo na cor do seu véu,
Bem se vê que vem casada.*

Maria de Fátima Borges Martinho, Sta. Cruz (Vinhais)

*Rapazes e raparigas,
Façam arco nesta rua.
Quero chegar à noiva
Como o sol chega à lua.*

*Venha cá, senhor padrinho,
Com banda, cinta e espada.
Logo lhe diz esta gente
Que temos padrinho de gala.*

*Venha cá, senhor padrinho,
Venha mais p'rá dianteira
A desempenhar este laço,
Esta fita da talanqueira.*

*Gosto muito dos padrinhos
Por saber quem eles são.
Pois este padrinho que é rico
Sempre dá mais um tostão.*

*Se nos vai dar dinheiro,
Não se esteja a demorar,
Pois o jantar está feito,
E pode-se estragar.*

*Venha cá, senhora madrinha,
Com a sua carteira no braço.
Com meia dúzia de libras,
Já desempenha este laço.*

*A senhora não sabia,
Quando saiu de casa,
Que os moços de Carção
Lhe faziam esta desgraça.*

*Logo que vi a madrinha,
Vestidinha de fidalga,
Nas portas da nossa igreja
Há-de ser bem estimada.*

Maria Olinda Jerónimo Rodrigues (Carção, 1983)

VIII

Às pessoas que deitam flores:

*Donde vens, ó rosa branca,
Donde vens tão desmaiada?
Ainda agora deste a mão,
Já trazes a cor de casada.*

*Façam alto, meus senhores,
Façam favor de esperar
Que lhe quero deitar flores
A quem vem de se casar.*

Ao chegar a casa:

*O padrinho e a madrinha
Venham cá para a dianteira
Que lhe quero deitar flores
Colhidinhas da roseira.*

*Aqui tem senhora Maria,
Aqui tem a sua filha.
Casadinha na igreja,
Com prazer e alegria.*

*Tirem lá esses tranca-ruas,
Deixem passar quem vem.
À uma é cortesia,
E à outra parece bem.*

*Eu lhe peço senhor Francisco,
Eu lhe peço por favor
Que não vá para a taberna,
Que não seja jogador.*

Maria Helena Quintas (Tua, 1983)

*Façam alas, meu senhores,
Façam o favor de esperar.
Quero entregar o ramo
A quem vem de se casar.*

*Do tempinho de algum dia,
Ela não se deve lembrar.
Ele é de boas famílias,
Bem a deve estimar.*

*Quem vem de se casar,
Vem com muita alegria.
Deus queira que se não lembre
Do tempinho de algum dia.*

*Ó senhora Maria,
Aqui tem a sua filha!
Recebida na igreja,
Com prazer e alegria.*

*Eu por ser a mais novinha,
A mim me fazem ir diante.
Ai de mim, que direi,
Diante de tanta gente?!*

*Diante de tanta gente,
Não te debes envergonhar.
Vamos entregar o ramo
A quem vem de se casar.*

O seguinte verso é feito ao noivo
— recebe uma rosa branca:

*Pegue lá este raminho,
Colhidinho no valor.
Meta-o no seu coração
Entregue-o ao seu amor.*

Dão um cravo à noiva:

*Pegue lá este raminho
Ainda não foi acabado.
Ainda lhe falta na coroa,
Um passarinho doirado.*

*Aqui tendes cada um seu ramo
Que vos vai agradar.
Que vo-lo dão duas donzelas,
Bem o podeis guardar.*

*Donde vens, ó rosa branca,
Donde vens tão desmaiada!
Ainda agora eras donzela,
E já tens cor de casada.*

*Trazes cor de casada,
Trazes a cor perdida!
Quem te pudera soltar,
Amiga da minha vida.*

*O padrinho e a madrinha
São pessoas de talento.
Eles tiveram muito gosto
Em assistir ao casamento.*

*Viva lá o senhor...
Viva os anos que deseje.
Viva também uma rosa
Que recebeu na igreja.*

Maria de Jesus Prada Messias

IX

Ao padrinho:

*Venha cá, senhor padrinho,
Venha mais p'rà a dianteira.
A despertar o laço
A esta fita talanqueira.*

*Gosto muito dos padrinhos,
Por serem quem eles são!
Pois estes padrinhos ricos
Sempre dão mais um tostão.*

*Se nos vai a dar dinheiro,
Não esteja a demorar.
Pois o jantar está feito,
E pode-se até estragar.*

À madrinha:

*Venha cá, senhora madrinha,
Com sua carteira no braço.
Com uma dúzia de libras,
Já desaperta o laço.*

*A senhora não sabia,
Quando saiu de casa,
Que os moços de S. Pedro Velho
Lhe diziam esta chalaça?*

Ao noivo:

*Venha cá, senhor Manuel,
Que é grande pescador,
Lançou o anzol ao rio
E pescou a truta melhor.*

À noiva:

*Venha cá senhora noiva,
Que estão à sua espera,
Que se quer despedir
Toda a mocidade dela.*

*Já te vais, moça pimpona,
Para a vida dos casados.
Já que a vida de tristeza
É sorte dos desgraçados.*

Pedro Romano, S. Pedro Velho (Mirandela)

X

À saída da igreja:

*Padrinho e madrinha,
Venham cá p'rá dianteira.
Queremos-lhe deitar flores,
Escolhidinhas na roseira.*

*Fazem alto, meus senhores,
Fazem o favor de parar!
Quero dar este raminho
A quem vem de se casar.*

Entrada da casa:

*Quem vem de se casar,
Vem com muita alegria.
Queira Deus que se não lembre
O tempinho de algum dia.*

*Venha cá, ó senhora (nome da mãe),
Venha cá à janela!
Venha ver a sua filha
Que acompanhamento leva.*

*O tempinho de algum dia,
Não lhe há-de lembrar, não.
O senhor... é brioso,
Dá-lhe toda a estimação.*

*Onde foi, senhor (nome do noivo),
Buscar esta rosa?
Foi buscá-la a (nome da aldeia)
Que ali estava tão formosa.*

*Ó arco celeste,
Feito da liberdade!
Venham p'ra debaixo dele
Se é da vossa vontade.*

*Onde foi, ó senhora (nome da noiva),
Onde foi saber do cravo?
Foi ao (nome da terra ou da rua)
Que ali estava bem estimado.*

*Ó senhora...
Que assim vem desmaiada!
Ainda agora deu a mão,
Já tem cor de casada.*

*Venha cá, ó senhora (nome da mãe),
Faz favor de aqui chegar.
Trazemos filha e genro
Que lhe queremos entregar.*

*Deitamos o pão e o trigo
Para que não governe
A mulher mais que o marido.*

Rosa Sofia Afonso Teixeira, Argana (Macedo de Cavaleiros)

XI

*Senhores do acompanhamento,
Façam ponto na calçada.
Vêm aqui duas meninas,
Querem falar à casada.*

*Donde vens ó minha amiga,
Donde vens tão desmaiada?
Até no cobrir do véu,
Já se vê que vens casada.*

*Toma lá este raminho
Da flor da laranjeira.
Pede a Deus que não lumbres
Da mocidade solteira.*

*Toma lá este raminho,
Colhido no mangerico.
Deus queira que te lumbres
Da mocidade em que eu fico.*

*Agora, ao noivo,
Vamos pdir-lhe um favor:
Que trate a menina noiva
Com carinho e amor.*

*O padrinho é um cravo,
A madrinha é uma rosa.
Os noivos são dois amores
Numa açucena cheirosa.*

*Os seus pais e suas mães,
Bem contentes podem estar,
Por casarem os seus filhos
Sem nada dar que falar.*

*Virgem mãe de Nazaré,
Abençoa este lar .
Esposa de Nazaré,
Vinde com eles morar.*

Dora Fernandes Madureira, Alfaião (Bragança)

XII

Ao noivo:

*Venha cá, senhor Manuel,
Que é um grande pescador.
Lançou um anzol ao rio,
E tirou a truta melhor.*

*Tirou a truta melhor,
A ninguém nada incomoda.
Como tem divisas de cabo,
Já se nos quer ir embora.*

*Demore-se um bocadinho,
Dê-nos a paga depressa.
Todo o dinheiro que nos der,
Reverte a favor da igreja.*

*Se o senhor já sabe o caminho,
Não olhe para a retaguarda.
Com uma pipa de vinho,
Já desfaz esta campanha.*

À noiva:

*Venha cá, senhora noiva,
Que estão aqui à sua espera,
Que se quer despedir
Toda a mocidade dela.*

*Venham cá todos os moços,
Dai-lhe a vossa despedida,
Que se vai da mocidade
Esta moça advertida.*

*Esta moça advertida,
Tão alegre e tão contente,
Desoedi-vos todos dela,
Dizei-lhe adeus para sempre.*

*Já te vais, moça pimpona,
Para a vida dos casados,
Para a vida da tristeza,
P'ra sorte dos desgraçados.*

*Ó desgraçado navio,
Já te podias quebrar,
Que te acabaste c'as moças
Que havia neste lugar.*

*Donde deixaste o navio
Que te trouxe p'ra igreja?
E agora vais para casa,
Toda cheia de tristeza.*

*Minha amiga, minha amiga,
Minha frol de laranjeira!
Dious queira que te não pèse
Pela vida de solteira.*

*Desta vida de solteira
Ainda ninguém se olvidou.
Consta-nos que no céu há um catcho
Qu'inda ninguém começou.*

*Pega lá este raminho,
Tira-mo já desta mão,
Que de penas me sairo (sic)
Das asas do coração.*

*Felisbina, Felisbina!
Coração de pedra dura!
Que deixaste os teus pais
Bem metidos em noite escura.*

*Metidos na noite escura,
Não fazem senão chorar!
E chamam por Felisbina,
E não acaba de chegar.*

*Eles estavam em sua casa,
Não faziam senão pensar.
O mundo assim o vimos
E assim o havemos de deixar.*

Ao padrinho:

*Venha cá, senhor padrinho,
Com banda, cinta e espada.
Logo lhe diz desta gente,
Que temos padrinho de gala.*

*Venha cá, senhor, padrinho,
Venha cá mais p'rà dianteira
A desempenhar este laço
Esta fita talanqueira.*

*Gosto muito dos padrinhos,
Por saber quem eles são,
Pois que estes padrinhos ricos
Sempre dão mais um tostão.*

*Se nos vai a dar dinheiro
Não esteja a demorar,
Pois que o jantar já 'stá feito
E pode-se estragar.*

À madrinha:

*Venha cá, senhora madrinha,
Com sua carteira no braço.
Com meia dúzia de libras
Já desempenha este laço.*

*A senhora não sabia,
Quando saiu de sua casa,
Que as moças de Rio de Onor
Lhe diziam esta chalaça?*

*Logo que vi a madrinha,
Vestidinha de fidalga,
Nas portas da nossa igreja
Há-de ser bem estimada.*

Maria Olinda Preto, Rio de Onor (Bragança)